

CONFERÊNCIA DE MÁRIO SOARES NA UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

MAPUTO,

23 DE JUNHO DE 2005

Magnífico Reitor

Senhores Professores

Caros Estudantes

Senhores e Senhoras

Quero começar por agradecer ao Magnífico Reitor da Universidade Eduardo Mondlane, Professor Doutor Brazão Mazula, o seu amável convite para proferir uma conferência na sua prestigiada Universidade. Deveria ter realizado, esta modesta conferência, na abertura do ano escolar. Mas, nessa data, fui impedido, por uma forte gripe, de me deslocar a Moçambique, como tanto teria gostado. Contudo, mais vale tarde do que nunca. Aqui estou, agora, para vos falar - como me foi pedido - sobre "o desenvolvimento e económico social de Moçambique independente: o papel que deve desempenhar, nesse processo, uma Universidade nacional".

Permitam-me que, antes, vos diga, porém, que me sinto muito ligado a Moçambique. Talvez ainda alguns dos presentes se lembrem do célebre "abraço de Lusaka" trocado entre o então ainda não Presidente de Moçambique, Samora Machel e eu próprio, ministro dos Negócios Estrangeiros do primeiro Governo português (provisório, não tinha ainda havido eleições), saído da Revolução dos Cravos. Esse "abraço" (que ocorreu a 6 de Junho de 1974) marcou o início das negociações - em que participei activamente - que conduziram à independência, depois de mais de uma década de guerra, e que se caracterizaram por uma grande cordialidade e pelo desejo mútuo de chegarmos a um bom e rápido acordo, vantajoso para ambas as partes.

Na verdade, como a FRELIMO sempre salientou, a "guerra colonial" não foi feita contra Portugal nem, muito menos ainda, contra o Povo Português, mas contra a ditadura colonialista de Salazar e Caetano que nos oprimia a ambos, portugueses e moçambicanos. Foi o que esse "abraço" simbolizou, por forma flagrante e inesperada. Essa solidariedade, num combate comum, vinha de longe. Não hesitei, por exemplo, quando me encontrava exilado, em França, (1973) em me deslocar a Londres para, ao lado dos padres brancos e, em especial, do Padre Hastings, denunciar publicamente o massacre de Wiryamu, ordenado pelo comando militar português, contra populações indefesas e inocentes moçambicanas. Não foi o único, infelizmente, como todos sabem.

Quer isto dizer que os portugueses anti-fascistas e anti-colonialistas - e muitos jovens desertores das três guerras coloniais em Angola, na Guiné e em Moçambique - por diferentes meios ao seu dispor, conduziram um "combate comum" contra a ditadura colonialista portuguesa, da responsabilidade exclusiva dos ditadores Salazar e, depois, Caetano e dos seus apaniguados. Daí

que a descolonização e a transição para a independência, fenómenos históricos sempre complexos, difíceis e de grande melindre, fossem concretizados com relativa facilidade e enorme rapidez.

Tive a honra de assistir aqui, em Maputo, à proclamação da independência de Moçambique em 25 de Junho de 1975, faz dentro de 2 dias, precisamente, trinta anos. Era o fim de um longo combate e o começo de um novo ciclo, tanto para Moçambique como para Portugal. A delegação portuguesa à cerimónia da independência foi presidida pelo então primeiro ministro, general Vasco Gonçalves, que acaba de falecer, e nela foram incluídos militares, do 25 de Abril como: Otelo Saraiva de Carvalho, Melo Antunes (também já falecido), Victor Alves, Vasco Lourenço e o Almirante Victor Crespo, que era o Alto Comissário cessante de Moçambique; e civis, como: Álvaro Cunhal (falecido recentemente), António Almeida Santos, Pereira de Moura, Magalhães Mota, Gomes Mota, meu saudoso amigo e eu próprio. Lembro-me que no seu discurso, no banquete de celebração da independência, onde se encontravam todas as delegações estrangeiras presentes, incluindo naturalmente a portuguesa, Samora Machel se referiu especialmente a Álvaro Cunhal e a mim, como os líderes dos dois partidos clandestinos, comunista e socialista, que durante o salazarismo mais se manifestaram, aberta e publicamente, contra as "guerras coloniais" e solidários com os movimentos nacionalistas africanos.

Não vos quero maçar com evocações históricas. Passaram trinta anos sobre os eventos a que me referi. Desejo apenas sublinhar que a descolonização chegou tarde e num quadro internacional pouco favorável. O que explica, em parte, muitas das dificuldades que se seguiram. Se Portugal não tivesse estado submetido a uma longa ditadura retrógrada, obscurantista e impenetrável aos movimentos da história, apoiada pelo Ocidente, por medo do comunismo; se a Revolução de Abril e a Democracia tivessem ocorrido duas ou três décadas antes, como podia ter acontecido - em 1961, quando da revolta de Beja, por exemplo - a descolonização teria sido preparada com tempo, em diálogo aberto e participado com as populações e os seus representantes, ter-se-iam evitado as guerras e os inúmeros sacrifícios e sofrimentos, de parte a parte, que sempre comportam.

A guerra, como sabeis, é o pior dos males para qualquer Povo. Qualquer guerra. É, por isso, que as forças progressistas se prezam de combater pela paz e se proclamam pacifistas, sem contudo jamais transigirem na defesa da sua dignidade, independência, identidade e liberdade. Foi para se libertarem da opressão colonial e obter a independência que os moçambicanos se bateram contra o colonialismo português. E foi por perceberem o sentido e a justiça da vossa luta que os portugueses anti-colonialistas, como eu, foram e são, ainda hoje, inteiramente solidários convosco. Com o Povo Moçambicano no seu todo.

Portugal, nestes últimos trinta anos, fez grandes progressos, como seguramente não ignoram. Os portugueses têm hoje - apesar de dificuldades financeiras conjunturais - um nível de vida médio incomparavelmente superior ao que tinham no tempo do "império". Ao contrário do que diziam os colonialistas, que nos ameaçavam de que, se perdessemos as colónias, "passaríamos a ser uma província de Espanha" (era a tese, nomeadamente, do ministro dos Estrangeiros de Salazar, Franco Nogueira) podemos hoje afirmar, orgulhosamente, que tal não aconteceu. Portugal é há vinte anos membro de pleno direito da União Europeia - o maior polo de desenvolvimento

económico mundial, com a moeda mais forte do mundo, o euro - um país livre, independente, com um horizonte de progresso à sua frente, com uma democracia pluralista plenamente consolidada, tendo recuperado o lugar prestigiado no Mundo, que lhe é devido.

Não foi fácil, para Portugal, o choque da descolonização, com todos os traumas que acarretou e a inserção dos portugueses "retornados" das ex-colónias, por exemplo, e, depois, o choque da integração europeia. Mas tudo isso foi superado. Hoje Portugal deixou de ser um país, tradicionalmente, de emigrantes (antes a nossa população partia para ganhar melhor a sua vida, nas colónias, nos países desenvolvidos da Europa, na América, no Brasil e um pouco por toda a parte) para passar a ser um país que recebe uma população de imigrantes considerável, que procura melhor vida em Portugal, vinda de países africanos, sobretudo os lusófonos, - entre eles moçambicanos - mas não só: do Brasil e da América Latina e agora dos países do Leste europeu, moldavos, ucranianos, romenos, bielorrussos e russos.

Nos primeiros anos que se seguiram às independências, Portugal não pôde ajudar, tanto quanto gostaria, os países africanos de fala portuguesa. A situação do Estado português era caótica e singularmente difícil. Mas nos últimos anos - e com a criação da comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que espero venha a ser uma Comunidade não só de Estados como, principalmente, de Povos - a cooperação entre os nossos países tem vindo a desenvolver-se no plano económico, do investimento, mas também político, cultural, científico e tecnológico. Como é vantajoso para os nossos dois Povos que aconteça.

Não é a ocasião para fazer história. Devo contudo salientar que as nossas relações a nível de Chefes de Estado e de Governo têm sido sempre excelentes. Por razões tristes - funeral de Samora Machel, a que assisti - e alegres, visitas de Estado, como primeiro ministro e Presidente da República, no tempo dos Presidentes Samora Machel e Joaquim Chissano, visitei várias vezes Moçambique e não só Maputo. Fui uma vez à ilha de Moçambique, no extremo norte - uma pérola da vossa identidade, que importa defender e tornar conhecida - visitei também a grande barragem de Cahora Bassa e várias cidades do vosso belo país. De todas as vezes recolhi interessantes ensinamentos e a impressão de uma terra com maravilhosas paisagens e riquezas inexploradas, uma população pacífica e amável e uma elite de grande qualidade. Os dois Presidentes portugueses, o que me antecedeu, general Ramalho Eanes, e o que me sucedeu, Dr. Jorge Sampaio, colheram seguramente a mesma impressão e, nas suas visitas, foram recebidos com grande afectividade. Estou convencido de que os Presidentes moçambicanos que visitaram Portugal, Samora Machel e Joaquim Chissano, foram acolhidos em Portugal com extremo carinho e respeito, e o mesmo acontecerá - estou certo disso - com o actual Presidente Armando Guebuza, que conheço, respeito e espero que nos visite brevemente.

Mas para além das visitas e dos entendimentos oficiais - obviamente muito importantes - há o intercâmbio político, económico, cultural e técnico entre os dois Povos, as respectivas organizações da sociedade civil, universidades, centros científicos e tecnológicos, empresas, bancos e investidores potenciais, cujo relacionamento devemos estimular, enriquecendo o tecido da nossa

cooperação, nos dois sentidos. Desde que há paz interna em Moçambique e o começo de uma vida democrática e pluralista, todos os horizontes de progresso estão abertos aos moçambicanos.

Como actual presidente da Fundação Portugal África tenho procurado desenvolver a cooperação com Moçambique, através de um auxílio que, se tem desenvolvido nos últimos anos, ao "programa de Escolas de Artes e Ofícios" e ao projecto agro-alimentar a que chamamos "Competir", no vale do Chòkwè. Mas haverá outros em que podemos cooperar, em colaboração com o IPAD (Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento). Estou confiante que os dois primeiros projectos referidos possam vir a ser considerados dois programas de excelência no âmbito da cooperação luso-moçambicana.

A nível cultural, a Fundação Mário Soares está igualmente interessada em realizar projectos de interesse mútuo no domínio da História Contemporânea dos dois Estados e da salvaguarda da documentação histórica, com a Universidade Eduardo Mondlane, com o Arquivo Nacional, que dele depende e Fundações Privadas. Ainda recentemente a Fundação Mário Soares procedeu, aqui em Maputo, à reprodução fotográfica de quadros e desenhos do grande pintor Malangatana de modo a facilitar a organização de uma grande exposição, em Moçambique e em Portugal, da sua impressionante e notabilíssima obra artística.

Magnífico Reitor

Senhores Professores

Caros Estudantes,

O fenómeno da globalização, que caracteriza, em todos os seus aspectos, a actualidade internacional, tanto no domínio económico-financeiro, como das novas tecnologias, com destaque para a revolução informática, a biotecnologia, a divulgação instantânea das notícias - todos conhecem tudo ao mesmo tempo - e a banalização do horror e da violência, esta globalização, na sua versão neo-liberal, que é a dominante, não tem sido nada favorável para África, o Continente mais atingido pela pobreza. Bem pelo contrário: a decadência das populações africanas, nas últimas décadas, assim o demonstram e as estatísticas de que dispomos, nesse sentido, não enganam. Meio século depois do movimento geral da descolonização, as populações africanas atingidas por vários flagelos, como o do HIV-Sida, não vivem melhor do que viviam. Talvez, pelo contrário.

Muitos dos novos Estados africanos atravessam enormes dificuldades. Não dispõem dos instrumentos nem dos recursos necessários nem ainda de quadros suficientemente preparados para melhorar o nível das populações. As guerras, os conflitos tribais, as epidemias, a exploração das multinacionais, a falta de água potável, a destruição da agricultura tradicional de subsistência, etc., empurram as populações para as periferias das cidades, condenando-as a uma vida infra-humana.

Como disse o Presidente Joaquim Chissano, no notável discurso que pronunciou, na Universidade do Minho, em 17 de Fevereiro de 2005: "A essência da globalização é a dominação do mundo através de uma única visão de desenvolvimento". E eu acrescento: a visão dos países ricos -

a América, certos países da Europa e o Japão - ou melhor: das grandes multinacionais, que veiculam e impõem o chamado "pensamento único".

É preciso que o grande projecto aprovado pelas Nações Unidas para o novo Milénio - para vencer a pobreza e o subdesenvolvimento - ultrapasse a fase de uma mera declaração de boas intenções para vir a ser uma realidade efectiva. Mas terão as Nações Unidas apoios capazes de desbloquear as opiniões para o conseguirem?

Não nos enganemos: não é possível impor uma boa governação - de que tanto vos falam certos politicólogos e tecnocratas - sem resolver o problema da miséria no Mundo. Que, como se sabe, não é uma fatalidade. Porque dar de comer e beber a quem tem fome e sede - criando uma existência com um mínimo de dignidade para todos os seres humanos - não é uma utopia irrealizável. Está ao alcance da Ciência e da Tecnologia de que hoje dispomos. É uma mera questão de vontade política dos poderosos. Bastaria desviar parte dos recursos que hoje os países ricos gastam em armamento sofisticado para um fundo, com essa finalidade, para conseguir erradicar a pobreza no Mundo, que atinge quase metade da Humanidade. Ora não é o G 7, que confunde cooperação com caridade, que pode resolver este problema, é a ONU - e as suas agências especializadas - que o podem e devem fazer, com a participação plena dos Estados membros interessados.

Por isso - cito de novo o Presidente Chissano - "A definição de globalização assente no mercado livre e na concorrência generalizada, e a sua visão adjacente, acomoda melhor os países do Norte do que propriamente os periféricos, para os quais a globalização não é senão a intensificação de uma divisão internacional do trabalho e de uma especialização que os mantém na categoria de economias complementares, e agora, com o risco de se marginalizarem cada vez mais do crescimento económico mundial."

O esforço que está a ser tentado pelo NEPAD - uma nova parceria para o desenvolvimento de África - é um caminho que abre uma nova esperança a países como Moçambique interessados na construção da paz, de democracias modernas e de um desenvolvimento sustentado (quer dizer: com sentido social e respeito pelos equilíbrios ecológicos do Planeta) - conceitos que são, entre si, indissociáveis.

Desse ponto de vista, o contributo que pode e deve ser dado por uma Universidade nacional, como a Eduardo Mondlane, para o desenvolvimento de Moçambique, é absolutamente decisivo. Temos a experiência em Portugal que as Universidades são verdadeiros motores de progresso das regiões em que estão inseridas. Nas sociedades de conhecimento - como são e serão, cada vez mais, as sociedades do século XXI - as Universidades são as verdadeiras depositárias do saber, tanto no domínio da Ciência como das Tecnologias. Transmissão, divulgação e criação de saber, especializado e actual, em articulação com Centros Científicos e Tecnológicos, é a tarefa que incumbe às Universidades, sem menosprezar, como é óbvio, todas as formas de ensino, pré-primário, primário, secundário e técnico, que preparam os estudantes para poderem ter acesso às Universidades. No caso da Universidade Eduardo Mondlane também não podem ser esquecidas a valorização e transmissão da cultura e dos conhecimentos tradicionais de Moçambique.

O intercâmbio universitário internacional desempenha hoje um importantíssimo papel na cooperação. Estou seguro que as Universidades portuguesas, que estão completamente inseridas na rede das Universidades europeias e americanas, desejam intensificar em todos os domínios as suas relações de cooperação com a Universidade Eduardo Mondlane, no quadro de cooperação da CPLP, que engloba também – não o esqueçamos - as excelentes Universidades brasileiras.

Magnífico Reitor

Senhores Professores

Termino, renovando os meus agradecimentos pelo convite que me foi feito e formulando os melhores votos de progresso para a Universidade Eduardo Mondlane, que o mesmo é dizer, para Moçambique, no momento histórico em que celebramos trinta anos de independência. E digo-vos, parafraseando as palavras do Presidente da I República, António José d'Almeida, quando foi ao Brasil, em 1922, celebrar um século da independência: "obrigado, moçambicanos, por vos terdes tornado independentes. Porque não é livre um Povo que oprima outros povos"...

Maputo, 23 de Junho de 2005